



V Jornada Brasileira de Sociologia

Desafios, dilemas e oportunidades nas sociedades democráticas.

Novembro, 2017, Pelotas/RS

GT 05 - Economia, política e sociedade no século XXI.

Economia Colaborativa: intersecções entre dinheiro e intimidade na atualidade.



Economia Colaborativa: intersecções entre dinheiro e intimidade na atualidade.

Greice Martins Gomes¹

RESUMO: O presente trabalho trata-se de um ‘recorte’ na elaboração de uma pesquisa de mestrado em sociologia realizada na Universidade Federal de Pelotas. Neste momento, busca-se construir os caminhos em direção à pergunta de pesquisa: ‘de que forma a relação entre dinheiro e intimidade é (re)significada através da economia colaborativa?’ Abramovay (2014) ao se referir à economia colaborativa vai dizer que as fronteiras que separam o público e privado da vida econômica, desde a revolução industrial, estão sendo borradadas através da combinação entre internet e colaboração. O objetivo neste momento é expor o processo de elaboração dos quadros teóricos de referência importantes à medida que possibilitam que o(a) pesquisador(a) se movimente durante o processo de investigação, bem como constituem-se em uma forma de pesquisa teórica de importante relevância para a formação científica. (DEMO, 2007).

PALAVRAS-CHAVE: Economia Colaborativa; Airbnb; Intimidade e Dinheiro.

¹ Mestranda em sociologia pela Universidade Federal de Pelotas (UFPel) e bolsista CAPES, e-mail: greice.martins.gomes@gmail.com

INTRODUÇÃO

A representativa presença das tecnologias digitais e da Internet em nosso cotidiano é uma realidade na vida social contemporânea. O número de brasileiros que possuem acesso à Internet ultrapassou 100 milhões em 2015, segundo a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) divulgada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE)². E, foi em 2014 que o total de lares brasileiros que possuíam acesso à Internet ultrapassou a barreira dos 50% e em 2015 este número subiu para 57,5%.

Não obstante grandes corporações contemporâneas de economia colaborativa (Netflix, Airbnb, Uber, Amazon, Spotify etc.) assim como redes de interação social (Facebook, Twitter, Tumblr, Instagram, etc.) acabam influenciando a forma como relacionamos os aspectos da vida social, os mercados e nosso comportamento. Ou conforme aponta Schor (2017), a grande abrangência das tecnologias de informação e comunicação acabam por oportunizar novas formas de interação entre os indivíduos e aspectos tanto culturais quanto sociais colocam-se em transformação.

Deste modo atores sociais são levados a um processo de (re)negociação de significados e de (re)estabelecimento de limites de legitimidade, significação e justificação. Processo que acaba, por vezes, misturando variáveis que envolvem moralidades, direito, economia e também sentimentos, emoções e afetos a transações econômicas (ILLOUZ, 2011).

1. Da Economia Colaborativa às sociologias.

É possível encontrar diferentes proposições que venham a fazer referência ao tema e apenas para citar alguns exemplos temos: Economia Hibrida (ABRAMOVAY, 2014), Economia da Dádiva (FRIEDMAN, 2014; SUNDARARAJAN, 2016), *Sharing Economy* (SCHOR, 2016), Consumo Colaborativo (BOTSMAN; ROGERS, 2014) e *Mesh* (GANSKY, 2010).

A escolha pela nomenclatura Economia Colaborativa é adotada neste trabalho, pois é a que mais se aproxima da tradução literal de *Sharing Economy*. Termo usado

²IBGE. Domicílios particulares permanentes com utilização da internet. Disponível em: <<https://sidra.ibge.gov.br/tabela/5177>>. Acesso em: 18 ago. 2017.

pela socióloga Juliet Schor, a qual define Economia Colaborativa com base em três aspectos centrais que seriam a) processo em que indivíduos concedem acesso temporário de itens que possuem e que consideram ociosos ou subutilizados, b) em troca de dinheiro e c) através da mediação de plataformas digitais (SCHOR, 2017).

Quanto a este último aspecto, é possível acrescentar que as práticas de Economia Colaborativa podem ser distinguidas de formas anteriores de compartilhamento ou transações comerciais justamente por sua forte dependência de tecnologias digitais. E, por sua vez, o poder e abrangência global das tecnologias e da Web 2.0³ (BELK, 2014) acabam influenciando a forma como relacionamos os aspectos da vida social.

Neste momento de exploração e investigação percebo como primeira evidência que ao perguntar aos entrevistados “o que é economia colaborativa?” estes, dificilmente conseguem conceituar o fenômeno, mas por outro lado, em sua maioria trazem exemplos de ferramentas digitais e entre elas o Airbnb. Fato este próspero, pois estruturo minha pesquisa tendo como objeto de análise, o aplicativo de hospedagens domiciliares Airbnb, uma vez que este se intersecciona diretamente com a questão da intimidade.

2. Da Economia Colaborativas às práticas: o Airbnb

Esta seção busca explicar melhor a Economia Colaborativa, ao mesmo tempo que apresentará o objeto de análise, o aplicativo Airbnb. A maioria dos dados apresentados aqui foram coletados diretamente do site deste aplicativo⁴.

O Airbnb se descreve como "um mercado comunitário confiável para pessoas anunciam, descobrirem e reservarem acomodações únicas ao redor do mundo seja de um computador, de um celular ou de uma tablet [...] e conecta as pessoas à experiências de viagem únicas." Foi criado em 2008, na cidade de São Francisco, Estados Unidos. Segundo informa, já se hospedaram por seu intermédio mais de 200 milhões de pessoas até o ano de 2016. Está presente em 65 mil cidades, 191 países e possui três milhões de

³ A Web 2.0 se refere à websites que possibilitam aos usuários contribuir com conteúdos e conectividades entre si. O termo é usado para descrever a segunda geração da internet. Trata-se de uma tendência que reforça o conceito de troca de informações e colaboração dos internautas (SCAGLIONE, 2013).

⁴ AIRBNB. Disponível em <http://www.airbnb.com>. Acesso em: 17 ago. 2017.

acomodações cadastradas ao redor do mundo. Comunica que recebeu mais de 100 mil hóspedes durante a Copa do Mundo da FIFA no Brasil em 2014 e tornou-se o fornecedor oficial do Estado do Rio de Janeiro para acomodações alternativas nas Olimpíadas Rio 2016.

Airbnb é um acrônimo para *air bed and breakfast* (colchão de ar e café da manhã) em inglês referência de quando foi criado com este propósito, mas hoje, muito mais do que colchões de ar oferece as mais variadas formas de hospedagem doméstica. Hospedagens estas vão de casas em árvores, barcos, castelos até a modalidade mais comum e em maior número que são quartos em casas em apartamentos. Nesta modalidade, os tipos de acomodações que podem ser ofertadas dividem em três que vão de “Casa inteira” com o descriptivo: “tenha um lugar só para você”; “Quarto inteiro” com o descriptivo: “Tenha seu próprio quarto e compartilhe alguns espaços comuns” e por fim a opção “Quarto compartilhado” para a qual consta “Fique em um espaço compartilhado, como um quarto comum”.

As pessoas que ofertam suas residências são chamadas de anfitriões e aqueles que se hospedam são chamados de hóspedes. Existe um sistema de avaliações onde ambos, são incentivados a se avaliar mutuamente criando-se desta forma um *ranking* de notas medido pelo número de estrelas que será detalhado mais adiante. Esta nota remete a reputação do usuário dentro desta comunidade.

Analizando-se o contexto brasileiro e mais especificamente em um jornal de grande circulação no estado de São Paulo, através de seu acervo digital⁵ revela um avanço no interesse em relação ao aplicativo ao se considerar o número crescente de citações.

Neste sentido, ao se aplicar um filtro para a expressão “Airbnb” é perceptível o aumento no número de inserções desde o ano 2010, quando foi a primeira vez que a palavra apareceu nesta fonte, contando com apenas duas inserções neste ano. Em 2011 foram oito ocorrências, em 2012 dezoito, em 2013 quatorze, em 2014 cinquenta e três, em 2015 vinte e quatro, em 2016 cento e vinte e duas e até julho de 2017 já havia sessenta e seis ocorrências registradas.

⁵ O Acervo Estadão consiste no arquivo online de todas as edições já impressas do Jornal “O Estado de S. Paulo” e permite acesso a todos os fatos relevantes e históricos do país desde 1875. Consta com 137 anos de matérias, reportagens e fotos publicados pelo jornal.

Desde o início, a grande maioria das publicações aconteceu dentro do caderno de economia, incidência esta maior até mesmo que em cadernos como informática ou viagem e turismo. Tal relação conduz a um dado importante, ou seja, de que o assunto antes de ser tratado como um tema relacionado à tecnologia ou turismo ele é tido como um tema econômico.

Algumas descrições como uma reportagem publicada em vinte de julho de 2010⁶ trazem detalhes em uma dimensão mais didática e explicativa tais como “uma opção de hospedagem com conveniências de hotel, conforto de casa e preço de albergue”. E ainda instruções de como o hóspede deveria proceder nos trâmites com seu futuro anfitrião: “uma vez que encontrou seu quarto, pode enviar perguntas (devo levar toalhas? você aceita gatos?)”. Já em meados de 2014, em virtude da Copa do Mundo FIFA, muitas reportagens incentivavam a locação de imóveis pelo aplicativo assim como foi perceptível certo desconforto por parte das redes hoteleiras formais que denunciavam, entre outras coisas, o não pagamento de impostos.

Nestas matérias nota-se uma concentração em torno de um grande debate, impulsionado pelas redes de hotelaria, sobre uma concorrência desleal em termos de mercado. Fato que vem gerado grande discussão social e deu início a ações governamentais para discussão sobre o tema e entre elas a recente criação da Frente Parlamentar Mista de Economia Digital e Colaborativa comentada no início deste artigo, criada pelo Estado brasileiro.

Entretanto, um tópico que se encontra em debate atualmente remete a questão da intimidade, um dos conceitos discutidos neste estudo, porém em uma escala mais ampla do que as relações restritas entre hóspedes e anfitriões.

Nas reportagens atuais, o foco tem sido a discussão quanto aos relacionamentos dentro dos condomínios onde há locação de imóveis pelo Airbnb. Segundo uma reportagem recente⁷, por exemplo, a circulação de “pessoas estranhas” nos condomínios

⁶ ESTADÃO JORNAL DIGITAL. *Encontre sua hospedagem em redes sociais*. Disponível em: <<http://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/20100720-42644-nac-50-via-v6-not/busca/airbnb>>. Acesso em: 14 ago. 2017.

⁷ ESTADÃO JORNAL DIGITAL. *Airbnb entra em pauta nos condomínios*. Disponível em: <<http://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/20170326-45085-nac-69-imo-ci03-not/busca/condom%C3%A9nios-airbnb>>. Acesso em: 08 ago. 2017.

criou um fato novo para estes conjuntos trazendo a tona um leque variado de discussões entre os condôminos.

É a partir de questões em relação à intimidade e trocas financeiras que esta investigação passa concentrar-se sob seu objeto de análise, o aplicativo de hospedagens domésticas, Airbnb. Uma vez que a intimidade nos remete ao aposto do dinheiro e da racionalidade, a junção destes dois elementos oferece uma valiosa oportunidade para examinar como os indivíduos articulam este tipo de interação em situações atuais.

3. Dos quadros teóricos: ‘lentes’ pelas quais se observará o fenômeno.

3.1 Intimidade

As análises sociológicas de Viviana Zelizer (2011), uma das principais autoras da atualidade que trata a questão da intimidade e a principal autora a qual tenho me debruçado neste momento exploratório para aprofundar o assunto, buscam romper com as pré-noções e antagonismos que envolvem transações que se entrelaçam entre a pessoalidade (dos sentimentos, da intimidade) e impessoalidade (monetária, mercantil). E de que forma conduzem a isso? Através da percepção que as relações econômicas acontecem a partir das relações com os outros e, por sua vez, estão inseridas em determinado contexto de práticas sociais. Estas relações interpessoais são atravessadas por uma série de fatores como emoções, signos culturais, valores éticos, identidade e intimidade.

A intimidade e a racionalidade geram efeitos recíprocos quando envolvidas em uma transação. Contudo, estes efeitos não têm o caráter de desintegração ou de uma contaminação negativa como definida na teoria dos mundos hostis e das esferas separadas (ZELIZER 2009). A compreensão é de que ao se unir intimidade com racionalidade o efeito disso caminha muito mais para uma ação dos atores no sentido de construção do que seria o conteúdo desta interação. O que leva a questões, a partir do objeto de análise, tais como: de que forma os atores envolvidos em atividades de economia colaborativa como a locação de um imóvel no Airbnb constroem o conteúdo destas interações através das avaliações de suas estadias?

Nas transações que acontecem na ferramenta de economia colaborativa escolhida para esta pesquisa, o Airbnb, há o compartilhamento destes conhecimentos uma vez que pessoas estranhas estão sendo acolhidas, mediante pagamento, dentro de uma residência particular.

A interseção de dinheiro e intimidade oferece uma notável oportunidade para examinar como as pessoas continuam no trabalho relacional, mesmo que a interação entre hóspede e anfitrião seja limitada, ainda sim, há o aspecto do compartilhamento de informações pessoais sejam elas fotos, hábitos, rotinas e demais particularidades que não são exatamente públicas, mas que passam a ser divididas com alguém “desconhecido”. Enfim, como se relacionam, neste sentido os aspectos de uma intimidade que agora passa a ser, de certa forma, disponível a um círculo praticamente irrestrito de outros indivíduos como no Airbnb?

Este tipo de questão remete a outra definição sobre Economia Colaborativa bastante atual na qual Abramovay (2014) aponta que as rígidas fronteiras que separam o público e privado da vida econômica, deste a revolução industrial, estão sendo borradadas através da economia colaborativa.

3.2 Dinheiro

Atualmente, foram identificados alguns autores que chamaram a atenção para novas abordagens entre eles Maurer 2006, Ingham 2004, Hart 2004, Zelizer 2003 e Orléan (2002). Este último analisa, por exemplo, as crises monetárias que colocam em questão a estabilidade do valor do dinheiro como expressão de "crises da unidade social".

Ainda, um autor clássico que parece também profícuo é George Simmel, sobretudo por seu posicionamento quanto ao caráter social dos laços objetivados no dinheiro, os quais seriam a expressão de formas de associação entre os indivíduos. Sua forma de olhar o assunto aponta para ideias a respeito da moeda como um produto ou ainda como um sintoma e, ao mesmo tempo, como uma forma de individualização da vida humana o que parecem bastante producentes quanto ao encaminhamento o qual se pretende dar a esta pesquisa. Em sua obra já secular ‘A Filosofia do Dinheiro’⁸ este faz

⁸ SIMMEL, G. Philosophie de l'argent. Paris: Presses Universitaires, 1977.

uma análise fenomenológica do dinheiro ao desenhar sua influência e sua relação com os elementos da vida em sociedade.

Também parece se mostrar profícuo para esta pesquisa a seu conceito de ação recíproca⁹ assim como o modo com que relaciona as questões da modernidade através de um pensamento em paradoxos tal como vê o dinheiro enquanto um facilitador do desenvolvimento econômico, mas mesmo tempo um mecanismo de aprisionamento os indivíduos em relações sociais empobrecidas.

São, neste caso, ângulos investigativos já percorridos em termos de um modelo de análise, mas que a meu ver, trazidos para fenômenos contemporâneos, podem conduzir uma formula estimulante em busca da questão primeira desta pesquisa que é relembrando: ‘De que forma a relação entre dinheiro e intimidade é (re) significada através da Economia Colaborativa?’.

Além disso, para Simmel (2006) o dinheiro surge como um ‘padrão de medida’ entre coisas e qualidades distintas, estabelece ‘valores concretos e definitivos’. O dinheiro, para este autor, compensa as diferenças e pode se converter em todo produto e vice-versa. Assim, estabelece muito mais articulações entre homens se comparado as das associações antigas ou na união arbitrária louvadas pelos românticos da associação.

Entende que dinheiro age como uma camada isolante entre o objetivo da associação e o subjetivo da personalidade concedendo a ambos uma autonomia, mas precisamente pelo fato de que o dinheiro não pode ser consumido imediatamente ele aponta para outros indivíduos dos quais irá obter o que deseja consumir e adverte:

Quem lamenta o efeito separador e alienador do intercâmbio monetário não deve esquecer o seguinte: o dinheiro gera uma ligação extremamente forte entre os membros de um setor econômico pela necessidade de trocar dinheiro para obter valores definidos e concretos. E precisamente porque o dinheiro não pode ser consumido imediatamente, ele aponta para outros indivíduos, dos quais se pode exigir e que se quer consumir (SIMMEL, 2009).

⁹ Conceito fundamental da sociologia de Georg Simmel. “Existe sociedade onde há ação recíproca de vários indivíduos. Esta ação recíproca nasce sempre de certas pulsões (...). As pulsões eróticas, religiosas ou simplesmente de convívio, fins de defesa ou de ataque, da disputa ou da aquisição de bens, de ajuda ou de ensinamentos, e uma infinidade de outras ainda, fazem que com o homem estabeleça relações de vida com outros, quer dizer, exerce afetos sobre os outros e sobre seus afetos. (...) os vetores individuais dessas pulsões e de suas finalidades iniciais constituem então uma unidade [que] não é outra coisa que a ação recíproca”. (SIMMEL, 1999, p. 43.).

SIMMEL, Georg. *Sociologie: études sur le formes de socialisation*. Paris: PUF, 1999.

Aponta que nenhum elemento teve uma participação mais vasta neste processo que o dinheiro, jamais aconteceu de um objeto de valor meramente instrumental assumir o papel. O dinheiro torna-se o objetivo absoluto, pois a cada inquietação que nos move através de nossos desejos, isto é pelo que não temos, ele está lá, o dinheiro se torna a máquina da vida. Assim também o desejo por dinheiro é o estado permanente da alma em uma economia monetária estabelecida.

Outro aspecto que chama a atenção em suas análises é o fato de considerar o dinheiro “vulgar” porque torna-se o equivalente para tudo e para todos. Existe um deslocamento da questão “isso vale” para “quanto vale”. O “impagável” é justamente aquilo que é justamente muito especial e distinto.

É exatamente pelo fato de cada vez mais coisa poderem ser compradas por dinheiro, negligencia-se, muito frequentemente, que os objetos das transações econômicas têm aspectos não exprimíveis em dinheiro (SIMMEL, 1977) o que trazendo isso para esta pesquisa, leva a questões, por exemplo, sobre como os indivíduos estão negociando partes de suas casas, de seu convívio e com isso sua intimidade de forma que isso acaba sendo traduzido em dinheiro. Como, para um elemento tão complexo de ser expresso em dinheiro como a intimidade, acaba sendo, de certa forma, não somente posta a venda, mas avaliada e valorada com notas e pontuações em aplicativos on-line?

Por fim, é pertinente comentar que a estes questionamentos relativos ao estabelecimento de valores concretos conferidos às coisas (e a pessoas?) forma atualmente a base dos estudos de uma ramificação da sociologia econômica, a sociologia da valoração e avaliação. E, será a partir deste campo de análise sociológica que se seguirá esta pesquisa e que serão desenhados os próximos caminhos deste estudo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABRAMOVAY, R. A economia híbrida do século XXI. In: Costa, E.; Augustini, G. **De baixo para cima**. Rio de Janeiro, dez. 2014. Disponível em: <http://ricardoabramovay.com/wp-content/uploads/2015/02/A_EconomiaH%C3%ADbrida_do-S%C3%A9culo-XXI_De-Baixo-paraCima_Abramovay_12_2014.pdf>. Acesso em: 2 agosto. 2017.
- ABRAMOVAY, R. (2004). Entre Deus e o diabo: mercados e interações humanas nas ciências sociais. **Tempo Social – Revista de Sociologia da USP**. 16(2): 35-64.
- BELK, R. Sharing versus pseudo-sharing in web 2.0. **Scopus**, Toronto, v. 18, n. 2, p. 7-23, jul. 2014. Disponível em: <<https://www.scopus.com/record/display.uri?eid=2-s2.0-84905159275&origin=inward&txgid=b64fe5977026298b802c5d2029648463>>. Acesso em: 02 ago. 2017.
- BOTSMAN, R.; ROGERS, R. **O que é meu é seu: como o consumo colaborativo vai mudar o nosso mundo**. Porto Alegre: Bookman, 2014.
- FRIEDMAN, G. Workers without employers: shadow corporations and the rise of the gig economy. **Elgaronline**, Cambridge, v. 2, n. 2, p. 171–188, fev., 2014. Disponível em: <<https://www.elgaronline.com/abstract/journals/roke/2-2/roke.2014.02.03.xml>>. Acesso em: 17 ago. 2017.
- GANSKY, L. **The mesh**: Why the future of business is sharing. New York: Portfolio Penguin, 2010.
- HART, K. "Heads or tails? Two sides of the coin". Inglaterra: Man, 1986
- ILLOUZ, E. **O amor nos tempos do capitalismo**. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.
- INGHAM, G. **The nature of money**. Cambridge: Polity Press, 2004.
- MAURER, B. The anthropology of money. **Annual Review of Anthropology**, v. 35, p. 295-315, set, 2006.
- ORLÉAN, André. "La monnaie, opérateur de totalisation". **Journal des Anthropologues**, v. 3, p. 331-352, jun., 2002.

SCAGLIONE, M. Analysing the penetration of Web 2.0 in different tourism sectors. In L. Cantoni & Z. Xiang (Eds.), **Information and Communication Technologies in Tourism**. New York: Spring, 2013.

SCHOR, J. B. Debating the sharing economy. **Journal of Self-Governance and Management Economics**, v. 4, n. 3, p. 7-22, 2016. Disponível em: <<https://www.ceeol.com/search/article-detail?id=430188>> Acesso em: 15 Ago. 2017.

SCHOR, J. B. et al. Paradoxes of openness and distinction in the sharing economy. **Poetics**, v. 54, p. 66- 81, 2016.

SIMMEL, Georg. **Sociologie**: études sur le formes de socialisation. Paris: PUF, 1999.

SIMMEL, Georg. **La tragédie de la culture**. Paris: Payot, 2006

SIMMEL, G. **Psicologia do dinheiro e outros ensaios**. Lisboa: Texto & Grafia, 2009.

SUNDARARAJAN, A. **The sharing economy**: the end of employment and the rise of crowd-based capitalism. Cambridge: The MIT Press, 2016.

ZELIZER, V. "Sociology of money". In: Neil J. Smelser & Paul B. Baltes (orgs.), **International Encyclopedia of the Social & Behavioral Sciences**, v.15, n.9, set, 2003.

ZELIZER, V. Dualidades perigosas. **Scielo**, v. 15, n. 1, mar., 2009. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-93132009000100009&lng=en&nrm=iso.

ZELIZER, V. **A negociação da intimidade**. Petrópolis: Vozes, 2011.

